

1

É embaraçoso! Ainda há pouco — que digo eu? —, ainda há um instante apenas, enquanto escrevia o título, estava convencido de que ia começar a minha narrativa como se iniciam os romances e que a única diferença seria a sua veracidade.

Mas eis que descubro, subitamente, o que faz o artifício do romance, o que faz com que nunca possa ser uma imagem da vida: *um romance tem um começo e um fim!*

Hyacinthe Danse matou a amante e a sua própria mãe no dia 10 de maio de 1933. Mas quando é que o crime realmente começou? Terá sido em Liège, quando ele publicava o jornal *Nanesse*, do qual um acaso inverosímil me fez, aos dezassete anos, um dos fundadores? Terá sido quando, em companhia de Deblauwe, deambulávamos pelas ruas da cidade? Ou terá sido bem antes, durante a guerra, quando umas miúdas nos sussurravam que, por trás das portadas fechadas de uma certa livraria...

E Deblauwe? Em que momento se tornou ele um assassino? E o Fakir?

E porquê ontem? Precisamente quando soube da sua morte num hospital de Paris, morto de miséria, de alcoolismo, de todas as doenças imundas, de todos os vícios, de todas as

taras, uma dessas mortes que se fazem anunciar dias e dias antes pelo seu cheiro...

Porquê? E como? Por onde começar, visto que não há começo possível, nem entre os três crimes, nem entre os cinco ou seis mortos, entre um punhado de vivos, nem outro elemento de ligação, através dos anos e através do espaço, que não seja eu próprio?

Parece-me ouvir ainda a voz de Danse ressoando no estranho salão do Tribunal Criminal de Liège:

— Quando eu tinha quatro anos, a minha mãe levou-me a visitar o campo. Uma vez chegados, vi, num pátio de uma quinta, um homem a matar uma porca, primeiro com um martelo, depois cortando-lhe a garganta...

Quando ele tinha quatro anos, eu não o conhecia; ainda não tinha nascido. Também não estava presente quando, quarenta anos depois, numa pequena casa perdida algures nos campos de França, ele matou a mãe e a amante exatamente da mesma maneira que outrora havia visto matar a porca.

Poderia eu dizer de maneira mais correta em que momento o pequeno K..., cujos sapatos deixavam entrar água, decidiu enforcar-se junto à porta da Igreja de Saint-Pholien? Terá sido quando, algumas horas antes do gesto fatal, eu o levava às costas, inanimado da bebedeira, ainda babando depois de ter vomitado tudo o que tinha no corpo?

Três crimes! Falar é fácil. Mas e *antes*?

Lembro-me de, muito jovem, devorar romances ao ritmo de três por dia, e de todos eles me deixarem insatisfeito. Finda a última página, eu suspirava:

— Mas e depois?

Por que razão tinha acabado assim, se as personagens não estavam mortas? Porque é que o autor decidiu assim, de sua própria vontade, gratuitamente, num determinado momento em que não havia mais do que uma página em branco com o nome do tipógrafo?

Hoje, já não é o fim que me perturba: é o começo. Com que direito trago eu para aqui, assim de repente, um Deblauwe de trinta e cinco anos como se ele não tivesse existido antes? E os outros, os que eu não conheci, como posso apresentá-los apenas num determinado momento das suas vidas, como se estivessem de passagem?

E o elemento de ligação de que eu falava?... Uma cena que guardo na memória, em 1915... Uma outra, dois anos depois, na época em que eu já era um rapazinho e estreava as minhas primeiras calças compridas... Danse... Deblauwe. Depois o Fakir e o pequeno K...

Eu não desconfiava de nada e os meus amigos eram assassinos! Nem desconfiava de nada uns anos depois quando comecei a escrever romances policiais, ou seja, relatos de falsos crimes, enquanto aqueles com quem eu tinha vivido outrora, que tinham respirado a mesma atmosfera do que eu, partilhado as mesmas alegrias, as mesmas distrações, discutido os mesmos assuntos, se punham a matar de verdade, um na rue de Maubeuge, crivando de balas um homem através da algibeira da gabardina, outro em Boulay, longe da terra onde havia nascido, onde havia vivido, rodeado de camponeses franceses que lhe eram estranhos, facto que o levou talvez a regressar a Liège, a errar pelas ruas familiares, depois a matar à queima-roupa, com todas as balas do carregador, um padre jesuíta que havia sido seu confessor e também o meu.

Não é estranho que, durante esse tempo, eu escrevesse romances policiais onde me esforçava por desenhar verdadeiros criminosos?

Talvez seja menos estranho do que parece, se olharmos mais de perto, se lermos com mais atenção, porque então vemos nos meus livros, intactos pela minha fraca imaginação, os cenários, as atmosferas, os estados de alma que levaram aqueles três a...

Os três crimes dos meus amigos parecem-se a todos os crimes que eu contei. Porém, porque são verdadeiros, porque eu conheço os seus autores, é-me impossível escrever:

— Ele matou porque...

Porque nada! Porque tudo! Às vezes, penso tudo entender e parece-me que com umas poucas palavras vou poder...

Mas não! No instante seguinte, esta verdade que eu aflorava evola-se e revejo um outro Deblauwe, um Danse sorridente e cheio atrás de um balcão, ouço uma frase... Ou é um sopro do odor característico do Fakir que me entra pela garganta e parece-me, então, que vagueio sob as luzes azuis da cidade no tempo da guerra...

É impossível contar verdades metodicamente, claramente: elas hão de sempre parecer menos verosímeis do que um romance.

Seria preciso evocar toda a ocupação alemã, pois parece-me que ela marcou os jovens que a sofreram tão profundamente quanto, alguns anos depois, a inflação marcaria uma geração de alemães.

Mas, tal como a inflação, a ocupação não se conta. Não são factos: é um ambiente, é um estado, é um cheiro de caserna nas ruas, uma mancha em movimento de uniformes não familiares, são os marcos que substituem os francos nos bolsos, e a preocupação de comer que se eleva acima de todas as outras, são as novas palavras, as músicas desconhecidas, e as cozinhas rolantes pelas calçadas; é o hábito que ensina o olho a procurar nos muros o novo cartaz que indicará a partir de que hora a circulação será proibida ou anunciará a chegada de açúcar ao “reabastecimento”, a menos que seja por obrigação, para os homens maiores de dezoito anos, de se apresentarem todas as semanas ao Kommandantur, ou a menos que o cartaz seja vermelho e alinhe os nomes dos novos civis fuzilados.

É claro que a vida continua e que ainda é preciso chegar à escola a horas, aprender a lição, fazer os deveres, e, no recreio, discutir com um colega cujo pai vende manteiga aos alemães e com um outro cuja mãe foi vista com um oficial lanceiro.

As preocupações de um catraio de treze anos são as mesmas de sempre, apenas acrescidas de outras mais. Assim, entre o grupo de alunos do quinto ano, sob a grande escadaria da escola, é possível que alguém ouça murmurar:

— O meu pai conseguiu comprar dez quilos de farinha de trigo numa quinta. Quase que era apanhado ao chegar à cidade...

Ou ainda:

— Os franceses ganharam uma batalha. Os meus pais ficaram a saber disto por um tipo que atravessou a fronteira holandesa e que lhes passou um jornal.

Ainda assim a grande questão são as meninas da escola vizinha, e de certas coisas que alguns ainda não sabem bem o que são, e que outros pretendem saber e até terem praticado e que, durante todo um mês, perturba a turma graças à aparição de uma fotografia erótica amarelada e amarrotada onde se pode ver exatamente como a coisa se passa.

Os milhares de soldados que desfilam, avançando em direção à frente de batalha ou dela voltando, têm terríveis desejos e é disso mesmo que, nas paredes da cidade, os cartazes falam cruamente: *todas as mulheres que tiverem relações com um soldado sem terem passado na visita médica...*

Sem esquecer as preocupações a tomar. As ruas são escuras. Por medo dos raids aéreos, as montras não são iluminadas e uma espessa camada de tinta azul torna numa mera ilusão a luz emanada pelos candeeiros a gás.

A rue Féronstrée é uma rua estreita e fervilhante que os elétricos, renteando os passeios insuficientes, enchem com a sua carga ruidosa.